

A CATEGORIA TRABALHO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E MATERIAL DIDÁTICO (PNLD)

Luiz Eduardo Felix Leitão¹
Francisco Willams Ribeiro Lopes²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a categoria trabalho, entendida como um dos temas centrais da Sociologia, nos livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2026–2029, voltados ao Ensino Médio. O corpus da pesquisa é composto pelas obras: Sociologia para jovens do século XXI (Editora Brasil, 2024), Sociologia – Coleção 360 (Editora FTD, 2024), Sociologia: Por toda parte (Editora FTD, 2024, volume único), Identidade (Editora Saraiva Educação, 2024), Ser Protagonista – Sociologia (Editora SM Educação, 2024) e Do seu jeito: Sociologia (Editora Ática, 2024). Assim, a investigação adota uma abordagem qualitativa, ancorada na técnica da análise de conteúdo e na perspectiva que compreende o livro didático como produto histórico e social que expressa disputas e contradições presentes na sociedade. Então, a análise busca identificar como o trabalho é conceituado, problematizado e atualizado nesses materiais, observando mudanças em relação às edições anteriores e as reconfigurações do mundo do trabalho, como a precarização estrutural, a uberização, o trabalho em plataformas digitais, a intensificação do trabalho informal e as desigualdades de gênero e raça. Também se examina a articulação desses conteúdos com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), verificando se o trabalho é apresentado como categoria histórica, social e crítica ou de forma descritiva e descontextualizada. Portanto, o estudo pretende contribuir para o debate sobre o ensino de Sociologia e o papel do livro didático na formação crítica dos estudantes, ressaltando a importância de compreender o trabalho como elemento estruturante da vida social e como chave de leitura para as transformações e permanências da realidade brasileira.

Palavras-chave: SOCIOLOGIA, TRABALHO, PNLD, LIVRO DIDÁTICO

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda o trabalho como categoria sociológica e objeto de ensino na educação básica, destacando o papel central que o trabalho ocupa na compreensão sociológica da realidade social, sendo um dos eixos estruturantes da vida humana e das relações sociais.

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará-UFC, eduardoleitao33@gmail.com;

² Doutor em Sociologia e Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará-UFC, lopes.willams@ufc.br;





Com isso, discutir o trabalho é pensar a própria constituição da sociedade, suas formas de produção, suas desigualdades e seus processos de mudança.

No contexto da educação básica, o tema adquire relevância ainda maior, pois contribui para que os estudantes compreendam criticamente o mundo em que vivem e as transformações que afetam suas próprias condições de existência. Além disso, a Constituição Federal e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhecem a educação como direito social e instrumento de formação para o trabalho e para a cidadania, reforçando a importância de refletir sobre essa categoria no ensino de Sociologia.

Este artigo resulta de uma experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, na qual foi proposta aos bolsistas a análise dos livros didáticos de Sociologia aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2018. Nessa experiência, foi designado aos bolsistas a investigação de categorias sociológicas, tomando como referência um roteiro composto por tópicos orientadores que buscavam identificar de que forma os conceitos apareciam e eram trabalhados nas obras.

Logo, a presente pesquisa dá continuidade a esse movimento investigativo, tomando agora como foco os livros didáticos de Sociologia do PNLD de 2026-29, visando compreender como a categoria trabalho é apresentada, problematizada e atualizada nesses materiais.

Outrossim, a partir dessa proposta, busca-se discutir a centralidade do trabalho nas Ciências Sociais e analisar de que forma essa categoria é traduzida para o contexto escolar, considerando as reconfigurações do mundo do trabalho contemporâneo como a precarização estrutural, a uberização, o trabalho em plataformas digitais e o aumento da informalidade.

Portanto, a reflexão parte do entendimento de que o livro didático é um instrumento pedagógico e também um produto social e histórico, que expressa disputas de sentidos, concepções de mundo e projetos de formação. Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para o debate sobre o ensino de Sociologia e sobre o papel do livro didático na formação crítica dos estudantes, ressaltando a importância de compreender o trabalho como categoria histórica, social e crítica, capaz de revelar tanto as permanências quanto às transformações da sociedade brasileira.

METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa e tem como método a análise de conteúdo (BARDIN, 2015). O corpus foi composto por seis livros didáticos de Sociologia aprovados





para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2026–2029: Sociologia para jovens do século XXI (Editora do Brasil, 2024); Sociologia – Coleção 360° (Editora FTD, 2024); Sociologia: Por toda parte (Editora FTD, 2024); Identidade – Sociologia (Saraiva Educação, 2024); Ser protagonista – Sociologia (SM Educação, 2024); e Do seu jeito – Sociologia (Editora Ática, 2024).

Sendo assim, a análise partiu de uma experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em que os bolsistas investigaram categorias sociológicas nos livros do PNLD 2018. Nessa experiência, elaborou-se uma ficha analítica composta por tópicos orientadores que continha os seguintes pontos para análise: (1) A categoria era título de unidade; (2) A categoria aparecia como título de capítulo; (3) A categoria era título de alguma seção, tópico ou subtópico; e, (4) quais outras categorias, conceitos e temáticas se relacionam predominantemente à categoria em análise; e, por fim, como os conceitos estão relacionados às imagem e as atividades propostas.

Portanto, as informações foram sistematizadas e comparadas entre as obras, observando a presença da categoria trabalho, os conceitos associados e a articulação com debates contemporâneos como precarização, uberização e utilização de novas tecnologias. Essa metodologia permitiu construir um diagnóstico sobre o tratamento dado à categoria trabalho nos livros didáticos, evidenciando tendências e lacunas na abordagem sociológica do tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

O mundo do trabalho é uma peça fundamental no universo que rodeia a existência humana, enquanto objeto de estudo ocupa um lugar central na tradição sociológica, sendo um dos eixos fundamentais para compreender a constituição e o funcionamento das sociedades antigas e modernas. Desde o surgimento da Sociologia, no século XIX, os pensadores clássicos voltaram-se para o estudo das transformações sociais, econômicas e culturais que acompanhavam o avanço do capitalismo industrial.

Nesse contexto, o trabalho tornou-se uma categoria analítica essencial, pois expressa as formas de produção da vida material e as relações sociais que dela decorrem, como apontam Nise Jinkings e Ana Carolina Carida (2015):





Os fundadores da sociologia voltaram-se para uma análise totalizante da vida em sociedade, formulando princípios explicativos que visavam enfrentar os dilemas da vida social nas sociedades modernas e capitalistas, resultantes da revolução francesa. Neste tratamento analítico da realidade social, o trabalho veio ocupar lugar relevante como categoria central do pensamento sociológico (2015, p.144).

Essa observação reforça a importância de compreender o trabalho não apenas como uma atividade econômica, mas como uma dimensão social, histórica e política, que estrutura as desigualdades, os conflitos e as formas de organização da vida coletiva.

Entre os ditos clássicos da Sociologia, cada autor interpretou o trabalho a partir de sua própria perspectiva teórica: Karl Marx compreendeu o trabalho como a atividade humana pela qual o homem transforma a natureza e a si mesmo, sendo também o espaço onde se revelam as contradições entre capital e trabalho; Émile Durkheim, por sua vez, analisou o trabalho sob o ponto de vista da divisão social do trabalho, destacando seu papel na coesão e nas formas de solidariedade social; Max Weber relacionou o trabalho à ética e à racionalização da vida moderna, especialmente no contexto da ascensão do capitalismo. Sendo assim, essas diferentes abordagens demonstram que o trabalho é um elemento estruturante da vida social, capaz de revelar tanto os processos de integração quanto as tensões e desigualdades que atravessam a sociedade.

Considerando que os pensadores clássicos da Sociologia desenvolveram suas próprias bases epistemológicas e metodológicas, cada um analisando a realidade social a partir de perspectivas distintas, é possível observar que, apesar das diferenças, todos buscaram compreender os elementos estruturais que compõem e transformam a sociedade. A análise sociológica, nesse sentido, exige uma abordagem ampla, capaz de articular os diversos aspectos sociais e históricos que moldam a estrutura social

Assim, a categoria trabalho mantém-se como eixo central para a compreensão e interpretação da sociedade capitalista. Como afirmam Nise Jinkings e Ana Carolina Caridade, “no pensamento sociológico contemporâneo, largamente fundamentado nas matrizes clássicas, o trabalho segue sendo uma categoria central para a análise das contradições sociais do presente e do passado” (2015, p. 146).

Portanto, o trabalho continua sendo uma categoria central para a análise das transformações do mundo atual, considerando que as configurações do trabalho são atualizadas conforme a estrutura social que a permeia, as leis e o modelo econômico estabelecidos. Por exemplo, no Brasil, na década de 1990, foi adotado no país, através do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, “políticas econômicas fundamentais no





neoliberalismo, atingindo programas sociais, educacionais, trabalhadores da saúde, emprego, etc” (JINKINGS, CARIDÁ, 2005, p.148). Essas políticas contribuíram para a chamada acumulação flexível, que se caracteriza pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. Envolve, também, rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado "setor de serviços" (Harvey, 1995. p.140).

Na contemporaneidade, Ricardo Antunes (2018) destaca que as recentes mudanças tecnológicas e organizacionais do capitalismo, marcadas pela acumulação flexível, resultaram na precarização estrutural do trabalho, na expansão da informalidade e na intensificação das desigualdades. Com isso, essa nova configuração do trabalho se expressa em fenômenos como a uberização, plataformização e flexibilidade, refletindo a atualização das antigas contradições entre capital e trabalho, agora sob novas formas.

Assim, se torna perceptível como as transformações na realidade social causam mudanças nas configurações e relações de trabalho, conforme as condições materiais e sociais e como o passado aparece no presente, porém, reconfigurado, atualizado, com uma nova roupagem, mas sendo consequência direta dessas reformas políticas causadas por ideais do neoliberalismo.

Então, compreender o trabalho em suas múltiplas dimensões é essencial para a análise sociológica, pois ele articula produção, reprodução social, subjetividade e educação. O ensino de Sociologia, portanto, ao abordar essa categoria, possibilita que os estudantes interpretem criticamente a realidade e reconheçam o trabalho como elemento que estrutura a vida social e suas transformações, sendo de auxílio para que o indivíduo se situe no tempo e espaço em que está localizado, se tornando mais preparado para exercer a cidadania e entender como funciona a lógica e o sistema inserido no mundo do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que os livros didáticos são indutores curriculares e ferramentas pedagógicas no ambiente escolar, foi realizada a análise dos seis livros didáticos de Sociologia aprovados para o PNLD 2026–2029. A análise evidenciou que a categoria trabalho permanece como um eixo conceitual relevante no ensino da disciplina, aparecendo de forma





recorrente em unidades, capítulos e seções que articulam o tema às transformações históricas, econômicas e culturais da sociedade. Embora todos os livros abordem o trabalho como tema central, há diferenças significativas quanto à ênfase teórica, à profundidade conceitual e à atualização dos debates contemporâneos.

Sob o ponto de vista sociológico, esse diagnóstico destaca que os livros didáticos não são meros veículos de transmissão de conhecimento, pois atuam como agentes de socialização, moldando a percepção dos estudantes sobre o trabalho como uma dimensão fundamental da vida social. Por exemplo, a ênfase recorrente nos autores clássicos (Marx, Durkheim e Weber) reforça a tradição sociológica ocidental que, por sua vez, pode marginalizar vozes periféricas, como as de autores não ocidentais ou das feministas, perpetuando uma visão etnocêntrica do trabalho.

Contudo, a inclusão de temas contemporâneos, como a uberização e a precarização, indica um esforço para dialogar com a realidade dos jovens, especialmente em contextos de desigualdade social no Brasil. Porém, em alguns casos, essa atualização parece superficial, limitando-se a meras descrições, em vez de fomentar uma reflexão crítica sobre as contradições do capitalismo, como a exploração e a alienação. Essa abordagem pode reproduzir ideologias neoliberais ao enfatizar o "empreendedorismo" individual, sem questionar as estruturas sistêmicas de opressão.

Vejamos como a categoria aparece em cada livro didático de Sociologia:

No livro *Do seu jeito: Sociologia* (Editora Ática, 2024), versão atualizada do livro *Sociologia Hoje*, o tema é desenvolvido no capítulo 7, intitulado “Mundos do trabalho”. O conteúdo mobiliza os clássicos Durkheim, Weber e Marx, a obra também avança para questões contemporâneas, dedicando uma breve seção à uberização e à plataformização. Em seguida, apresenta os modos de organização da produção, contextualizando a Revolução Industrial e discutindo o taylorismo, o fordismo e, antes de introduzir o toyotismo, situa o leitor na transição do Estado de bem-estar social ao Estado neoliberal. A partir daí, são exploradas as novas modalidades de trabalho, com destaque para o trabalho imaterial e as relações de gênero, abordando, por exemplo, o trabalho doméstico e de cuidados.

Nesse sentido, o livro articula o pensamento clássico às novas formas de organização do trabalho, favorecendo uma leitura crítica e atualizada das transformações do capitalismo. A categoria trabalho não é tratada de maneira descritiva, há uma contextualização histórica que percorre da modernidade industrial à contemporaneidade, evidenciando as continuidades e





rupturas nas formas de exploração. Além disso, ao incluir o debate de gênero nas relações de trabalho, a obra amplia o horizonte analítico, reconhecendo dimensões sociais que tradicionalmente foram invisibilizadas na análise sociológica clássica.

No livro *Coleção 360°–Sociologia*, o trabalho é desenvolvido no Capítulo 3, “O mundo do trabalho”, por meio de uma linha do tempo histórica e da apresentação de diferentes visões sociológicas. A obra parte da afirmação de que o trabalho impacta a sociedade em sua totalidade (econômica, moral, política, social e culturalmente) reforçando seu papel central na compreensão da vida social (p. 68). Inicialmente, o conteúdo apresenta o trabalho na perspectiva das Ciências Sociais, destacando como as formas de produção transformam o sistema e as relações sociais. Em seguida, incorpora uma reflexão filosófica baseada na Antiguidade grega, a partir de Hannah Arendt, ampliando o debate sobre o fazer humano e suas dimensões simbólicas. A partir dessa base, o livro organiza um percurso histórico da Idade Média à Modernidade, situando o trabalho como categoria fundamental da Sociologia.

No campo das teorias clássicas, apresenta o trabalho em Durkheim, enfatizando a divisão social do trabalho e as formas de solidariedade; em Marx, discute a leitura materialista e dialética, a divisão de classes, os meios de produção, o valor, o lucro e a mais-valia, articulando tais conceitos aos modelos produtivos taylorista, fordista e toyotista, bem como às noções de alienação e ideologia; e, por fim, expõe a perspectiva de Weber sobre racionalização e ética protestante. Na parte final, o tópico “O trabalho precarizado” (p. 91) introduz fenômenos contemporâneos, como a uberização e o modelo neoliberal, evidenciando a atualização da categoria diante das transformações globais.

Assim, o livro apresenta o tema de forma ampla e contextualizada, articulando bases epistemológicas clássicas às dinâmicas contemporâneas do trabalho, incluindo debates sobre sindicalismo, leis trabalhistas e terceirização. Porém, o diagnóstico revela uma limitação significativa, apesar da profundidade teórica, a obra não explora adequadamente as dimensões étnico-raciais e de gênero nas relações de trabalho, restringindo a compreensão crítica das desigualdades estruturantes do mundo laboral atual.

O livro *Sociologia: Por toda parte* (Editora FTD, 2024) dedica o capítulo 14, intitulado “Trabalho, direitos e desigualdades” (p. 254), a discutir a categoria trabalho a partir de um diálogo entre os clássicos da sociologia e a realidade brasileira contemporânea. O conteúdo





introduz o tema, destacando como os fundadores da disciplina se debruçaram sobre as transformações decorrentes da **Revolução Industrial**, construindo diferentes interpretações sobre o papel do trabalho na organização social.

Após o diálogo com os clássicos, o livro avança para a discussão do trabalho na modernidade, apresentando os modelos produtivos taylorista e fordista e, posteriormente, o toyotismo, precedido por uma contextualização das transformações da década de 1970 e do avanço do neoliberalismo, que resultaram em processos de automação, terceirização e flexibilização das relações de trabalho.

A discussão se amplia com a seção Trabalho e direitos, na qual o material insere o artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (p. 263) e aborda a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), relacionando-a à ampliação dos direitos sociais. Destaca-se também a análise sobre o trabalho doméstico e de cuidados, evidenciando as relações de gênero e as desigualdades históricas associadas à divisão sexual do trabalho.

Ademais, o livro contempla fenômenos contemporâneos como a uberização e o trabalho informal, apresentando as reflexões de Ricardo Antunes (2018) sobre a plataformização e a precarização das condições laborais no capitalismo digital. A obra também traz diferentes visões sobre os sentidos do trabalho, incluindo a perspectiva indígena de Ailton Krenak, e encerra com uma reflexão sobre o futuro do trabalho, articulando o conceito de desemprego estrutural.

Portanto, observa-se que o livro não trata a categoria trabalho de forma meramente descritiva, mas realiza uma contextualização histórica e teórica, articulando o pensamento clássico às transformações contemporâneas. O livro favorece uma leitura crítica, ao mostrar como o trabalho se reconfigura diante das mudanças tecnológicas, econômicas e sociais, sem perder de vista as dimensões de direitos, desigualdades e gênero. Assim, o diagnóstico é de que o livro busca construir uma compreensão histórica e crítica do trabalho, estimulando o estudante a refletir sobre os desafios atuais do mundo laboral e suas implicações na sociedade brasileira.

No livro *Ser protagonista – Sociologia* (Editora SM Educação, 2024), a categoria trabalho ocupa o centro da Unidade 7, intitulada “Sociedade contemporânea e mundo do trabalho”. O conteúdo é desenvolvido a partir do capítulo 14, “Trabalho: categoria histórica e social”, que propõe uma abordagem articulando filosofia, sociologia clássica e sociologia



contemporânea, de modo a compreender o trabalho como dimensão constitutiva da vida social e da própria condição humana.

O livro retoma os fundamentos teóricos clássicos, destacando as contribuições de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber para a compreensão das transformações históricas do trabalho. Entretanto, o diferencial da obra está na forma como conecta o pensamento clássico às teorias e debates contemporâneos. O livro amplia o escopo da análise ao introduzir autores e conceitos que tratam da pós-modernidade, da modernidade líquida (Zygmunt Bauman) e da sociedade do cansaço (Byung-Chul Han), articulando essas perspectivas à realidade atual do trabalho precarizado e às exigências do capitalismo flexível. Também são exploradas as noções de empreendedorismo de si, autogestão, plataformização e uberização, permitindo uma leitura crítica sobre as novas formas de controle e subjetivação do trabalhador na era digital.

Assim, o diagnóstico que emerge é o de uma obra que busca que articula teoria e realidade social, aproximando o conteúdo escolar do contexto vivido pelos estudantes. Ao reconhecer o impacto da precarização, da tecnologia e das novas formas de organização produtiva, o livro favorece uma leitura crítica e atualizada das dinâmicas do capitalismo contemporâneo, consolidando a categoria trabalho como eixo central para a compreensão das desigualdades e dos desafios sociais do século XXI.

O livro *Identidade – Sociologia* (Editora Saraiva Educação, 2024), versão atualizada do livro *Sociologia*, se destaca entre as obras analisadas por conferir centralidade à categoria trabalho, dedicando duas unidades à discussão do tema — algo incomum no conjunto dos materiais didáticos. As Unidades 4 e 5, intituladas “O sentido do trabalho” e “Tecnologia, trabalho e mudanças sociais”, estruturam o conteúdo de modo abrangente, articulando o trabalho às transformações históricas, às relações de gênero e raça, e às mudanças tecnológicas e econômicas que caracterizam a contemporaneidade.

O livro realiza um percurso histórico detalhado, que se inicia nas concepções gregas do trabalho, passando pelo feudalismo, pela Revolução Industrial e chegando às novas formas de organização produtiva do século XXI. Ao longo dessa trajetória, o trabalho é analisado como elemento constitutivo da vida social e da identidade humana, e não apenas como atividade econômica. Essa abordagem permite compreender como o significado do trabalho se modifica conforme os contextos históricos e culturais.





No campo teórico, o material recupera as contribuições clássicas de Marx, Durkheim e Weber, contudo, vai além do clássico ao incorporar debates contemporâneos, relacionando o trabalho à globalização, à expansão tecnológica, e às novas dinâmicas da economia digital, como flexibilização, precarização, uberização, teletrabalho e o avanço da inteligência artificial, com uma ênfase no assunto tecnologia.

Há um destaque especial para a intersecção entre trabalho, gênero e raça, o que revela uma preocupação em tratar o tema sob uma perspectiva interseccional e crítica. O livro discute o papel das mulheres no mercado de trabalho, o trabalho doméstico e de cuidado, e as desigualdades raciais que persistem nas relações produtivas e salariais. Essa abordagem amplia a compreensão da categoria trabalho como fenômeno atravessado por estruturas de poder e exclusão social.

De modo geral, Identidade – Sociologia oferece uma visão integrada e crítica do trabalho, situando-o como categoria central para compreender as mudanças sociais, tecnológicas e culturais. A obra articula teoria e realidade contemporânea, estimulando o estudante a refletir sobre o sentido do trabalho em suas próprias experiências, bem como sobre as contradições e desigualdades estruturais que permeiam o mundo laboral. O diagnóstico que emerge é o de uma produção didática consistente, que alia rigor conceitual, atualização temática e sensibilidade social.

Por fim, o livro Sociologia para jovens do século XXI (Editora do Brasil, 2024) reafirma a centralidade da categoria trabalho ao desenvolvê-la em diferentes momentos da obra, com destaque para a unidade 2, “Trabalho, política e sociedade”, e o capítulo 9, “Trabalho, estratificação e desigualdades sociais”. A abordagem é ampla, contextualizada e profundamente conectada às transformações do capitalismo, situando o trabalho como um fenômeno que articula dimensões econômicas, políticas e culturais da vida social.

O livro inicia discutindo as formas históricas de organização do trabalho, recuperando a trajetória desde o período pré-industrial até as transformações provocadas pela Revolução Industrial e pela consolidação do capitalismo moderno. Nesse percurso, a obra apresenta os modelos produtivos fordista e toyotista, evidenciando como cada um deles redefiniu as relações de produção, o papel do trabalhador e as formas de exploração e controle do tempo. O conceito de desemprego estrutural é trabalhado para explicar as novas contradições do capitalismo contemporâneo, assim como o processo de flexibilização das relações de trabalho, apresentado como um dos pilares do neoliberalismo globalizado.





Embora a uberização apareça apenas de forma pontual, o livro faz um esforço consistente para relacionar as crises econômicas recentes às novas modalidades de trabalho, permitindo que o estudante perceba a continuidade histórica entre os modos de produção e as transformações do presente. A análise também contempla a estratificação social e as desigualdades, articulando o trabalho às condições de vida, ao consumo e à mobilidade social, o que reforça seu papel como categoria explicativa das hierarquias contemporâneas.

Portanto, a análise dos livros revela que as obras mais recentes tendem a ampliar a abordagem para incluir debates sobre gênero, tecnologia e precarização, evidenciando um esforço de dialogar com a realidade contemporânea dos estudantes. Entretanto, em alguns casos, a apresentação do tema ainda se limita à dimensão descritiva ou histórica, sem promover uma reflexão crítica sobre as contradições sociais do mundo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se então, neste artigo, que a categoria trabalho permanece como um dos eixos estruturantes da vida em sociedade e como um tema central no ensino de Sociologia. De modo geral, os livros didáticos analisados apresentam uma discussão ampla e historicamente contextualizada, que vai desde as concepções da Antiguidade até as transformações contemporâneas do mundo do trabalho. Essa abrangência permite compreender como o trabalho se atualiza e se transforma em diálogo com os contextos sociais, políticos e econômicos de cada época.

Observa-se que as obras procuram articular o pensamento de Marx, Durkheim e Weber às mudanças do capitalismo atual, discutindo processos como precarização, flexibilização e neoliberalismo. Há um esforço para relacionar os conteúdos à contemporaneidade, abordando temas como a uberização, o trabalho informal e o empreendedorismo. No entanto, o tratamento desses fenômenos, na maioria, permanece superficial e descritivo, sem avançar para uma análise crítica das contradições estruturais que os sustentam.

A questão de gênero aparece com maior frequência, especialmente nas discussões sobre a divisão sexual do trabalho e o reconhecimento das atividades de cuidado, enquanto as relações étnico-raciais continuam pouco exploradas. Ademais, temas emergentes como inteligência artificial, automação e tecnologia digital aparecem pontualmente, revelando a





dificuldade em incorporar os debates mais recentes sobre as transformações tecnológicas do trabalho.

Outro ponto ausente é a relação entre o trabalho e as crises climáticas, aspecto essencial para compreender os impactos ambientais e sociais das novas formas de produção e consumo. Além disso, mesmo com a atualização dos dados e exemplos até 2024, nota-se a falta de diálogo com os movimentos sociais contemporâneos diretamente ligados ao mundo do trabalho, como o movimento VAT- Pelo fim da escala 6×1, limitando a compreensão da ação coletiva e das resistências trabalhistas atuais.

Confirma-se, portanto, que o trabalho é uma categoria dinâmica, constantemente atualizada pelas transformações sociais, políticas e tecnológicas. Com o avanço das políticas neoliberais e das novas tecnologias, intensificam-se a informalidade, a precarização e a ilusão do empreendedorismo, o que desafia a Sociologia escolar a repensar suas abordagens. Enfim, análise dos livros didáticos revela avanços na articulação entre teoria e realidade, mas também limitações importantes, reforçando a necessidade de um ensino mais crítico e interseccional, capaz de enfrentar as contradições sociais do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços no Brasil. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. Identidade. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2024.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2015.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- JINKINGS, Nise; CARIDÁ, Ana Carolina. O ensino de sociologia e a categoria trabalho, 2015.
- MACHADO, Igor José de Renó; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de. Do seu jeito: Sociologia. 1. ed. São Paulo: Ática, 2024.
- MEIER, Celito. Coleção 360°: Sociologia. 1. ed. São Paulo: FTD, 2024.
- O'DONNELL, Julia; OLIVEIRA, Paulo Edison de; ROTA, Paulo. Sociologia: Por toda parte. 1. ed. São Paulo: FTD, 2024.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. Sociologia para jovens do século XXI. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2024.
- VAZ, Valéria. Ser protagonista: Sociologia. 1. ed. São Paulo: SM Educação, 2024.

